

CONDORCET E A IDEIA DE RELIGIÃO COMO OBSTÁCULO AOS PROGRESSOS DO ESPÍRITO HUMANO

CONDORCET AND THE IDEA OF RELIGION AS AN
OBSTACLE TO HUMAN PROGRESS

Otacílio Gomes da Silva Neto

Resumo: Em seu *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano* (1794), Condorcet situa os progressos do espírito humano na marcha da história. Numa perspectiva linear e dividida em dez períodos, a história se torna palco das mudanças e transformações vivenciadas pela espécie humana, que se inicia em um estado razoavelmente rude, presente nas primeiras sociedades, até graus visionariamente sofisticados da civilização, em seu contínuo aperfeiçoamento. Essa marcha é marcada por avanços e retrocessos, verdades e erros, os quais manifestam um combate historicamente enfrentado entre forças antagônicas capazes de retardar ou acelerar os progressos do espírito humano. Para Condorcet, a religião se situa no lado obscuro da história. O objetivo deste trabalho é entender, com base em Condorcet, as razões que justificariam a ideia de uma religião alinhada ao atraso. O nosso foco, apoiado nas argumentações de Souza (2001), Cassirer (1994) e Todorov (2008), é o de buscar a origem da religião na obra em destaque, além do seu vínculo com a educação, com a ética e com o poder político. Concluiremos o trabalho elaborando problematizações acerca desses vínculos, com o intuito de questionar a possibilidade de um descarte absoluto da religião como condição necessária para o progresso da humanidade.

Palavras-chave: Humanidade. História. Progresso. Religião.

Abstract: In *Sketch for a Historical Picture of the Progress of the Human Mind* (1794), Condorcet places the progress of human faculties at the center of the march of history. He views history from a linear perspective and divides it into ten periods. In doing so, for Condorcet, history becomes the platform that manifests the changes and transformations experienced by the human species in its continuous improvement, starting from reasonably crude societies and progressing into civilizations with ever-advancing degrees of sophistication. He characterizes the march of history, with its advancements and setbacks, truths and errors, as a battle between antagonistic forces capable of slowing or speeding human progress. For Condorcet, religion is on the bleaker side of history. The aim of this paper is to understand Condorcet's justifications for aligning religion with backwardness. Supported by the arguments of Souza (2001), Cassirer (1994) and Todorov (2008), this article seeks to understand Condorcet's understanding of the origin of religion and its link to education, ethics and political power. This study concludes by problematizing the aforementioned links with the objective of questioning the veracity of an absolute discarding of religion as a necessary means for human progress.

Keywords: humanity. history. progress. religion.

INTRODUÇÃO

Mas, ao mesmo tempo, viu-se aperfeiçoar-se a arte de enganar os homens para despojá-los e a de usurpar em suas opiniões uma autoridade fundada em temores e esperanças quiméricas. (Condorcet)

Não são poucos os que pensam, hoje em dia, que o mundo poderia ser melhor sem a religião. Pensadores de um passado não tão distante advogaram preparando o terreno para as épocas subsequentes. Dentre eles, gostaríamos de destacar o Marquês de Condorcet (1743-1794), pensador que viveu entre a passagem do *Antigo Regime*¹ e os eventos relacionados à Revolução Francesa. Inserido neste contexto de transformação sócio-política, Condorcet assumiu o compromisso de estar ao lado dos partidários que defendiam o livre pensamento e a ruptura com o *Antigo Regime*, embora terminasse vítima do movimento revolucionário que acreditava construir.

A obra que norteará esse trabalho é o *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano* (1794), escrita durante o período de clandestinidade em que o autor viveu, após ter sua prisão decretada, devido à sua militância política no contexto da Revolução Francesa. Na ocasião, conforme nos lembra Maria das Graças de Souza, Condorcet, juntamente com Thomas Paine, escreveram um esboço de uma Constituição. Após uma manobra dos demais agentes envolvidos no processo, o texto foi preterido por outro.

Indignado com o teor do novo texto, Condorcet escreveu um panfleto para atacá-lo por considerá-lo um mecanismo sofisticado para implantar uma ditadura (SOUZA, 2001, p. 152). Como resultado, Condorcet foi denunciado devido aos efeitos causados por esse panfleto e teve sua prisão decretada. Ele passou a viver na clandestinidade. Em um intervalo de meses, entre 1793 e 1794, Condorcet escreveu o *Esboço*, foi preso e morreu na prisão em condições misteriosas.

Ao ser escrito, o *Esboço* foi organizado com uma introdução seguida de dez períodos, nos quais Condorcet narra a jornada dos progressos do espírito humano, em uma perspectiva histórica linear. O próprio autor sintetiza esses dez períodos em três partes: a primeira engloba as três primeiras fases da humanidade. Esta, em sua gênese, constituiu-se em pequenos povoados e, neles, foi capaz de se aperfeiçoar, ainda que de forma *grosseira*. Na segunda parte (entre o quarto e o nono períodos), o quadro é menos hipotético e, portanto, mais *histórico*, pois vai se tornando cada vez mais iluminado pelas luzes da ciência. Nesta segunda parte, Condorcet conduz os progressos do espírito humano da seguinte forma: das sociedades clássicas (Grécia e Roma) até a sua época presente, marcada pela Revolução Americana e a Revolução Francesa.

A terceira e última parte é apresentada como o *Décimo período* no qual Condorcet projeta o rumo da humanidade, marcado pela *esperança* não tão *quimérica*, mas verdadeiramente possível, quando as luzes e os progressos do espírito humano atingirem um maior número de nações visando à sua felicidade².

1 Conforme Ribeiro (2002), as sociedades do *Antigo Regime* estão relacionadas ao fortalecimento das monarquias absolutistas dos séculos XVII e XVIII em parte da Europa.

2 Conforme Condorcet (2013, p. 26): *A partir do momento em que essa revolução já tiver sido operada na classe*

Outra característica da obra é que os progressos do espírito humano também são cumulativos, ou seja, um período sempre herda as conquistas do período anterior, o que também lhe confere um caráter de regularidade, pois não há como a humanidade regredir absolutamente para os estágios anteriores. Isso implica, conforme Souza (2001, p. 154), que: “*trata-se da afirmação da superioridade do presente em relação às épocas passadas.*”

Ainda para Souza (2001, p. 155), a obra em estudo tem pelo menos duas orientações fundamentais: *o homem é um ser indefinidamente perfectível, e a história mostra o seu aperfeiçoamento, o que permite pensar na continuidade deste processo.* Nesse aspecto, a sofisticação dos progressos do espírito humano, em benefício dele próprio, por meio de suas próprias faculdades, é a grande protagonista do quadro histórico³.

Partindo dessas características contextuais e gerais da obra, podemos nos perguntar: por que deveríamos estudar uma obra supostamente tão *otimista* em relação ao futuro da civilização, após os eventos que culminaram no fim daquele que é considerado o *Século das Luzes*? Seria correto afirmar que a religião dificulta os progressos do espírito humano? Até que ponto a religião comprometeria o fortalecimento da ciência, das artes e da filosofia? Enfim, sem a religião, teríamos a possibilidade de viver em um mundo melhor?

Com base nesses questionamentos, o objetivo deste trabalho é o de investigar, com base no *Esboço* de Condorcet, as razões que justificariam a ideia de uma religião alinhada ao atraso dos progressos do espírito humano, e questionar o suposto valor absoluto dessas justificativas. Para isso, vamos inicialmente apresentar a gênese da religião na obra em estudo. Em seguida, vamos apresentar os desdobramentos dos obstáculos que a religião impõe ao progresso. Por fim, o nosso intuito será problematizar as justificativas que associam a religião como um obstáculo pleno para a marcha da humanidade.

A ORIGEM DAS RELIGIÕES NO *ESBOÇO*

No início da obra em estudo, o problema da origem do homem e de suas faculdades naturais é posto em evidência. Portanto, ao afirmar que *o homem nasce com a faculdade de receber sensações* (CONDORCET, 2013, p. 19), o autor confirma que esse *homem*, em sua gênese, é qualquer um, em qualquer tempo e lugar. A capacidade de conhecer e aperfeiçoar o conhecimento é uma característica essencial da natureza humana. Contudo, Condorcet deixa claro que só podemos conhecer e aperfeiçoar esse conhecimento por meio da articulação entre a sensibilidade e o entendimento. Para a maioria dos autores do enciclopedismo francês, o conhecimento e seu uso para o benefício humano não são frutos de nenhuma iluminação teológica ou divina, pois, conforme Todorov (2008, p. 16): “*já não há lugar, aqui, para a magia nem para a revelação.*”

inteira dos homens esclarecidos, entre eles só contaríamos homens amigos da humanidade, ocupados de comum acordo em acelerar seus progressos e sua felicidade.

³ Conforme Binoche (2019), o *Quadro histórico* (tradição francesa) é uma das fontes da Filosofia da história no século XVIII (1764-1798). As outras duas fontes são as seguintes: *A história natural da humanidade* (tradição escocesa) e a *Teodiceia da história* (tradição alemã).

Em sua origem histórica, numa perspectiva hipotética, o homem não está só. Ao contrário de outras narrativas relacionadas à origem da humanidade que eram estudadas na época, como a de Rousseau, Condorcet afirma que os homens já viviam em povoados. No início dos primeiros tempos hipotéticos da humanidade, nos quais “*os progressos da espécie humana devem ter sido muito lentos*” (CONDORCET, 2013, p. 21), não havia religião. Predominava uma arte *grosseira* na constituição da linguagem, do governo, da agricultura, da ideia de propriedade e da arte da meditação. Até que novas necessidades fizeram com que determinadas classes de homens fossem despertadas para o aperfeiçoamento dessas artes. Então, temos, por exemplo, a passagem da tradição oral para a escrita, e da escrita para o alfabeto.

Contudo, as *operações do entendimento* humano podem nos levar a erros⁴, os quais também fazem parte do quadro histórico e têm o potencial de retardar ou suspender os progressos do espírito humano. Ademais, esses erros estão relacionados a uma má compreensão das coisas, que pode ser propagada, transmitida e perpetuada por gerações. Portanto, um dos objetivos da obra é denunciar os erros que obstaculizam os progressos do espírito e que dão origem aos preconceitos de cada época, que afetam a pessoa humana, condenando-a ao estado de ignorância⁵.

Nesse caso, poderíamos afirmar que a religião nasce dos erros resultantes de operacionalizações equivocadas de nosso entendimento ao darmos, por exemplo, respostas desproporcionais às nossas necessidades e curiosidades. Isso implica atribuir causas e soluções quiméricas fundamentadas no preconceito e na ignorância, cujo resultado é o de introduzir, perpetuar e sofisticar os erros ao longo do quadro histórico. O filósofo põe a marcha da humanidade em estado de tensão permanente, na medida em que ele nos revela a história como resultado de um combate, de uma luta incessante entre o desenvolvimento das ciências e os preconceitos, entre as verdades e os erros, e entre religião e os progressos do espírito humano.

Isso caracteriza Condorcet, como nos lembra Cassirer (1994, p. 189-190), como um dos pensadores do enciclopedismo francês que declararam uma *guerra aberta à religião, à sua validade, à sua pretensa verdade*. Além disso, ainda conforme Cassirer (1994, p. 190), o referido enciclopedismo: *Censura-lhe não só ter freado desde sempre o progresso intelectual mas, além disso, ter se revelado incapaz de fundar uma verdadeira moral e uma ordem política e social justa*. Há uma preocupação de Condorcet em denunciar, a partir da origem dos preconceitos, os abusos de uma *instituição* responsável por alimentar e difundir os erros entre a humanidade ao longo do desenvolvimento do quadro histórico.

4 Para Condorcet (2013, p. 27): *Assim como as verdades que o aperfeiçoam e o esclarecem, os erros são a consequência necessária de sua atividade, de sua curiosidade, dessa desproporção sempre existente entre aquilo que ele conhece e aquilo que ele acredita precisar, aquilo que ele tem o desejo de conhecer.*

5 Condorcet (2013, p. 27) identifica três inimigos genéricos nos quais a obra tem o dever de combater ao longo dos períodos e países destacados no quadro histórico: *existem erros diferentes segundo o grau de instrução das diversas classes de homens, assim como segundo suas profissões. Se os erros dos filósofos prejudicam os novos progressos da verdade, aqueles das classes menos esclarecidas retardam a propagação das verdades já conhecidas; os erros de certas profissões acreditadas ou poderosas opõem obstáculos à verdade: estes são três gêneros de inimigos que a razão é obrigada a combater sem cessar, e em relação aos quais ela frequentemente só triunfa após uma luta longa e penosa.*

Podemos inferir que esta mencionada *instituição* poderia ser a religião como um todo, as religiões em particular e, ainda, de forma mais contundente, o cristianismo católico, sobretudo aquele do *Antigo Regime*. Esta *instituição* se fundamenta, de novo, em nossos erros, em nossos preconceitos, em nossa ignorância. Mais uma vez, o filósofo em estudo a interroga:

Em que nenhuma instituição corruptora possa mais ser apresentada pela hipocrisia, adotada pela ignorância ou pelo entusiasmo? Em que nenhuma combinação viciosa possa mais fazer a infelicidade de uma grande nação? Seria então inútil saber como os povos foram enganados, corrompidos ou lançados na miséria? (Condorcet, 2013, p. 28).

Estes, sem dúvida, são adjetivos degradantes para se falar da religião. Afinal, para o autor, religião e *arte de enganar* caminham juntas. Mas a questão ainda não se encerra aqui. É preciso historicizar a origem da *instituição* referida. Ao narrar a *primeira infância da humanidade* em toda a sua uniformidade, plasticidade e beleza, o que inclui o desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais quando os homens, *reunidos em povoados*, começaram a exercer a sua *perfectibilidade*, há espaço também para coisas ruins. Pois, Condorcet nos chama a atenção para a existência das primeiras marcas da *instituição* mencionada.

Em um primeiro momento, os seus efeitos foram positivos, uma vez que ela contribuiu para acelerar a marcha. Mas isso durou pouco, pois *logo a deteve e até mesmo a tornou retrógrada; que após ter esclarecido os povos, precipitou-os na ignorância e na superstição* (CONDORCET, 2013, p. 34). E, a partir daí, não teve mais volta. Nestes primeiros tempos, uma classe de homens se formou e se arrogou o direito de controlar os princípios dos saberes, as artes e as técnicas ainda pouco sofisticadas, os mistérios religiosos e suas superstições, e mais: os *segredos de legislação e de política*. Condorcet (2013) entende que a humanidade passa a se dividir em duas classes e, portanto, as mesmas vêm se perpetuando ao longo de todo o quadro histórico, conforme a citação:

Tenho em vista essa separação da espécie humana em duas classes: uma destinada a ensinar, a outra feita para crer, uma escondendo orgulhosamente aquilo que ela se gaba de saber, a outra acolhendo com respeito aquilo que os outros se dignam a lhe revelar; uma querendo elevar-se acima da razão e a outra renunciando humildemente à sua, e rebaixando-se para aquém da humanidade, reconhecendo em outros homens prerrogativas superiores à sua comum natureza (CONDORCET, 2013, p. 34-35).

A existência de uma classe dominadora e detentora dos saberes, dos mistérios e dos segredos de cada época, implica na obediência cega da outra classe. A instrução pública e a popularização do conhecimento têm um valor inestimável para Condorcet⁶. Em se tratam-

6 Identificar a origem da religião implica também em denunciar o monopólio do saber por parte de uma classe (sacerdotes) na qual se utiliza deste monopólio para subjugar a outra (o povo). Para Condorcet, o monopólio do saber e a manutenção do poder político caminham juntos. Tanto em épocas antigas quanto no tempo presente, Condorcet se indigna em ver a instrução pública negada à população e concentrada nas mãos dos padres e das classes privilegiadas. Para aprofundar o tópico

do da classe destinada a ensinar, o sagrado e o profano se misturam e, não poucas vezes, intencionalmente. Ousar sacralizar o profano não é uma empresa qualquer, já que tal atitude intimida e amedronta aqueles que querem, por meio da curiosidade, descobrir os segredos que ocultam a vida ética e política. É assim que, nos primeiros povos: as artes, a vida política, os costumes e as técnicas, ainda que pouco sofisticados, fizeram progressos, mas também erros apareceram, se aperfeiçoaram e dando origem às primeiras associações religiosas.

O quadro que nos é traçado a partir daqui em matéria de religião, é parte de um espetáculo no qual se ajuntam farsas, hipocrisias, horrores, dominação, extravagância e tiranias⁷. Tudo isso revestido com um ar de celeste, de sobrenatural e de sagrado, cujo objetivo era o de ludibriar contingentes humanos mergulhados na ignorância. Os três primeiros períodos da humanidade se encerram também com as religiões em processo de institucionalização, concomitantemente com os primeiros passos da tirania e com o estabelecimento do despotismo. Lado a lado com os avanços e progressos do espírito humano, ainda que lentos. Isso se pode perceber no aperfeiçoamento ainda que pouco sofisticado das artes, das técnicas, das línguas e da escrita, do comércio e dos costumes.

Hipoteticamente, essas artes foram sendo desenvolvidas de forma diferente à medida que a humanidade foi perdendo o seu caráter de uniformidade. Isso significa que o aperfeiçoamento das verdades e dos erros, dos progressos e dos preconceitos, vai acontecendo, a depender de sociedades e de nações que os usufruem de acordo com o tempo e o lugar. Sendo assim, as coisas estabelecidas, cabe-nos agora investigar os seus desdobramentos no quadro histórico.

OS DESDOBRAMENTOS DOS OBSTÁCULOS: A RELIGIÃO E A ARTE DE ENGANAR

Entendemos por obstáculo aquilo que tem o poder de suspender ou de retardar os progressos do espírito humano, relegando a humanidade ao estado de ignorância, como lembra Condorcet (2013, p. 26). Ao longo da obra, percebemos que os obstáculos não são impostos aleatoriamente. No momento em que uma classe de homens se distingue da outra, dá-se início a um projeto doloso de conquista e manutenção do saber e do poder, no qual a astúcia humana, por meio da *arte de enganar*, pôs o referido projeto em execução. Em tais circunstâncias, os progressos do espírito humano são sufocados e sabotados. Contudo, o que é o progresso, afinal?

sobre Condorcet e a instrução pública, ver Souza (2001, p. 172-189).

⁷ Souza nos adverte que este não é o único tratamento dado pelos pensadores situados no contexto de Condorcet. Por exemplo: *É verdade que tanto Vico quanto Herder assinalam o surgimento da religiosidade como um dos primeiros sinais da humanização da espécie. Mas, para Condorcet, é como se a primeira forma de dominação entre os homens se desse precisamente pelo viés da religião* (SOUZA, 2001, p. 159-160). Da mesma forma, Turgot, antes de Condorcet, ousava conciliar a teologia da história com as luzes. Conforme Binoche (2019, p. 57), no ano de 1750, Turgot pronunciou: *duas célebres exposições concernentes à história universal: Discurso sobre as vantagens que o estabelecimento do cristianismo trouxe para o gênero humano (3 de julho)* e *Quadro filosófico dos progressos sucessivos do espírito humano (1 de dezembro)*.

Conforme Souza (2001, p. 27): *A Encyclopédie define o “progresso” como movimento para a frente. A ideia é uma das mais familiares do século apesar de sua imprecisão.* Desse modo, Souza (2001) identifica pelo menos três características relacionadas ao conceito de progresso: a existência de uma lei da história marcada pela regularidade envolvendo os diversos estágios de desenvolvimento pelos quais passa a humanidade; a valoração da própria época em comparação com as épocas anteriores; e, por fim, a ideia segundo a qual a natureza e o mundo sócio-político podem ser transformados por intermédio de operacionalizações racionais. Portanto, o ser humano teria, enfim, o destino em suas mãos. Conclui Souza (2001, p. 27): *O progresso equivale assim à realização de ideais morais e sociais. Desse modo está estabelecido o laço que une o desenvolvimento da razão, o aperfeiçoamento dos homens e a construção de uma sociedade mais feliz*⁸.

No entanto, como estamos insistindo, para Condorcet não há compatibilidade entre o progresso e a religião. Analisando a Grécia clássica, por exemplo, chama-nos a atenção a ideia segundo a qual: não havia uma classe de homens que monopolizasse o saber, uma vez que os sacerdotes (chamados de *padres*) tinham uma atuação bem limitada aos cultos e aos deuses. Portanto, eles exerciam mínima influência sobre a vida política e moral entre os gregos. A liberdade política, alinhada a uma igualdade em matéria de acesso e transmissão do conhecimento, era a marca daquela civilização. Os obstáculos ao progresso eram bem menores. Ainda assim, como foi possível a morte de Sócrates?

No contexto da morte de Sócrates, o autor valoriza os chamados filósofos que aproximaram a filosofia da geometria e da astronomia, como Demócrito e Pitágoras, em detrimento daqueles que empobreceram a filosofia com sistemas forjados, apoiados em sutilezas vãs. Nesse caso, a luta filosófica se inicia entre Sócrates e os sofistas, uma vez que o primeiro defendia, na ótica de Condorcet (2013), uma filosofia cujo objeto de especulação estaria delimitado à experiência, antes de qualquer tentativa de se perder em investigações para além dela.

Sem entrar em muitos detalhes, Condorcet (2013) considera a morte de Sócrates como um evento crucial para a história da humanidade, pois

ela foi o primeiro crime que assinalou essa guerra entre a filosofia e a superstição, guerra que ainda perdura entre nós, assim como aquela da filosofia contra os opressores da humanidade, na qual o incêndio de uma escola pitagórica tinha marcado época (CONDORCET, 2013, p. 63).

Dos sofistas, inimigos de Sócrates, Condorcet (2013) passa para os sacerdotes, já que o pensador francês vê um conflito entre sacerdotes e filósofos. A desconfiança dos sacerdotes para com os filósofos dizia respeito ao temor de que estes instruissem os discípulos

⁸ À esse respeito, Ruzza (2002) tem uma ideia semelhante: *Como dito, os iluministas, em geral, confiam na ideia de progresso, que inclui não só o avanço da ciência e da economia, mas também do espírito e da moral, para melhorar os conhecimentos e aperfeiçoar o homem e as instituições da sociedade. Essa confiança na razão e no progresso é tão grande que eles criam uma própria escala de valores para julgar o passado com a visão da sua própria época, desconsiderando os tempos históricos, porque eles têm a convicção que o homem é sempre o mesmo e pode aperfeiçoar-se continuamente. Assim, a História tem um tempo linear e não cíclico e é vista como um campo de luta entre a razão e a superstição, com a primeira que lentamente se impõe à segunda* (Ruzza, 2002 p. 18).

que frequentavam ambas as escolas, sobre os absurdos, embustes e extravagâncias que faziam parte das cerimônias religiosas e de seus milagres. Portanto, só restaria aos sacerdotes as pessoas grosseiras para manipular. Em matéria de conhecimento ou de sua deturpação, há sempre, quando se tratando de religião, uma preocupação em ocultar os saberes, para controlar e enganar as pessoas.

Não é de se estranhar, seguindo a trajetória do texto, que Sócrates tenha sido vítima do embate com os sofistas e sacerdotes. Percebe-se que a maior ênfase maior da culpa para o crime é atribuída aos sacerdotes. O principal motivo para a morte de Sócrates era o seu afã de ensinar as pessoas a usarem bem a própria razão. Portanto, *Entre todos os crimes*, afirma Condorcet (2013, p. 64), *era esse que o orgulho sacerdotal menos podia perdoar*.

Por outro lado, não há paralelo entre Sócrates e Jesus Cristo, algo comum entre os pensadores da época, conforme as ideias de Rousseau e Voltaire⁹. Para Rousseau (1983, p. 44-45), na *Resposta ao rei da Polônia* (1750), por exemplo, Jesus foi vítima de um complô entre os saduceus (*filósofos de Jerusalém*) e os fariseus (*grandes hipócritas*) – a quem o genebrino também associa aos *doutores de hoje* –. Do mesmo modo, o cristianismo primitivo que pregava sem sutilezas teológicas, mas com simplicidade e santidade de vida, foi vítima da perseguição tramada pelos caluniadores, *padres pagãos*, filósofos e príncipes. Observando o *Esboço*, a personagem de Jesus é quase ignorada.

Do mesmo modo, o judaísmo – um dos alvos prediletos de Voltaire – também teve pouco destaque na obra estudada. Entre Moisés (judaísmo), Jesus (cristianismo) e Maomé (islamismo), este último ganha algum destaque em comparação com os outros. Conforme a obra em estudo, Maomé tinha um refinado talento para poeta e guerreiro, e usou-o com maestria para reunir os árabes. Muitas outras qualidades lhe são atribuídas: *Legislador, profeta, pontífice, juiz, general de Exército, todos os meios de subjugar os homens estão entre suas mãos, e ele sabe empregá-los com habilidade e com grandeza* (CONDORCET, 2013, p. 104).

Em tese, Condorcet considerava os árabes, dentro de uma perspectiva civilizatória, como um povo mais sofisticado do que os cristãos. Entre eles, o fanatismo religioso não foi tão intenso dado o gosto pelas artes, ciências e filosofia (Aristóteles). *Os costumes dos árabes tinham elevação e suavidade* (CONDORCET, 2013, p. 104). Como estamos insistindo, o mesmo não se pode dizer quando o autor analisa a cristandade medieval.

Aliás, um ponto em comum entre autores como Condorcet, Rousseau e Voltaire, diz respeito à forte rejeição ao cristianismo medieval, quando a humanidade, na ótica desses pensadores, caiu em estado de barbárie e de feroz ignorância. A superação da Idade Média era desejo de uma militância filosófica aguerrida, na qual, guardadas as proporções, se traduzia como um dever civilizatório. Foi na Idade Média que houve os maiores obstáculos e entraves aos progressos do espírito humano, e cujo assédio ainda se faz presente nas sociedades do *Antigo Regime*. Isso porque,

⁹ Voltaire nos oferece comparações entre Sócrates e Jesus Cristo no *Tratado sobre a tolerância*.

conforme Schlegel (2009, p. 64), *As grandes instâncias da sociedade – a justiça e o direito, a saúde, o ensino – são mais ou menos exercidas pelas Igrejas ou controladas por elas.*

Para Condorcet, por exemplo, o período medieval fez com que os erros se avolumassem: os preconceitos, a superstição, a intolerância, o fanatismo, a tirania, o despotismo e a hipocrisia impuseram grandes e terríveis entraves aos progressos do espírito humano¹⁰. Foi o tempo em que os sistemas teológico e político ardilosamente se mesclaram, já que, entre os gregos e romanos, os sacerdotes não exerciam tanta influência política ou na magistratura, e mesmo na consciência moral. Já nas sociedades completamente alinhadas ao credo cristão, a vida humana era controlada, conforme Todorov (2008, p. 73): *A religião tradicional queria controlar a consciência do indivíduo, fosse exercendo ela mesma o poder temporal, ou delegando a este a tarefa de reprimir.*

Para Condorcet, isso resultou na hipocrisia entre os membros dessas sociedades confessionais. Hipocrisia, nesse caso, significa: defender crenças nas quais não se acredita e manipular pessoas para acreditar nesses embustes. Com base nisso, valores como fraternidade, caridade e piedade poderiam conviver tranquilamente com as piores formas de escravidão e servidão. A expiação dos pecados, entregues ao poder dos sacerdotes, fez com que os céus fossem acessíveis aos criminosos em troca de presentes e dinheiro.

A educação distorcida também foi capturada e serviu de palco para as querelas teológicas que aqueciam as fogueiras. Seguindo a linha da classe dominante dos saberes nos primeiros tempos, o conhecimento permaneceu como espólio dos padres e escondido dos demais que sucumbiam na ignorância e na servidão. A dinâmica da vida política e a luta pelo poder: ora uniam, ora opunham, tiranos e eclesiásticos. Em suma, para Condorcet (2013, p. 99): *Assim, a conquista submeteu o Ocidente a uma anarquia tumultuada, na qual a massa do povo gemia sob a tripla tirania dos reis, dos chefes dos guerreiros e dos sacerdotes: mas que trazia em seu seio os germes de uma liberdade futura.*

O Renascimento das ciências, das artes e da filosofia, a criação da tipografia, os efeitos da Reforma Protestante (ainda que vistos como negativos em seu significado mais profundo)¹¹, os avanços do comércio, as conquistas do direito à liberdade prepararam o triunfo da razão e aceleraram a marcha dos progressos do espírito humano. As batalhas decisivas vencidas pela razão e pela ciência tiveram à frente homens *benfeitores da humanidade*: Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, Dante, Copérnico, Galileu, Newton, Descartes, Locke, Voltaire, Rousseau¹². Quase não faltaram nomes para esta rica galeria de intelectuais elo-

¹⁰ Conforme Condorcet (2013, p. 95): *Nesse período desastroso, veremos o espírito humano descer rapidamente da altura a que se tinha elevado e a ignorância arrastar atrás de si, aqui a ferocidade, alhures uma crueldade refinada, em todas as partes a corrupção e perfídia [...]. Divagações teológicas, imposturas supersticiosas são o único gênio dos homens; a intolerância religiosa sua única moral; e a Europa, comprimida entre a tirania sacerdotal e o despotismo militar, espera no sangue e nas lágrimas o momento em que novas luzes lhe permitirão renascer para a liberdade, a humanidade e as virtudes.*

¹¹ Conforme Condorcet (2013, p. 128): *Os reformadores não conduziam, portanto, à verdadeira liberdade de pensar. Cada religião, nos países em que ela dominava, só permitia certas opiniões.*

¹² Conforme o *Discurso das ciências e das artes* (1750), as ideias de Rousseau destoam das de Voltaire e das de Condorcet quando o assunto diz respeito à continuidade entre o progresso das ciências e das

giada por Condorcet. O terreno estava pronto para as duas grandes revoluções do século: a americana e a francesa. Ambas foram a base para a proclamação dos direitos naturais da pessoa humana. Quais tempos virão depois disso? Condorcet foi enfático em suas crenças sobre o futuro da humanidade:

Portanto, chegará esse momento em que o Sol só iluminará homens livres na Terra, homens que só reconhecem a razão como seu senhor; momento em que os tiranos ou os escravos, os sacerdotes e seus estúpidos ou hipócritas instrumentos só existirão na história ou nos teatros; em que só se ocupará deles para lamentar suas vítimas e seus enganados; para se entreter, pelo horror de seus excessos, em uma útil vigilância; para saber reconhecer e sufocar, sob o peso da razão, os primeiros germes da superstição e da tirania, se algum dia eles ousassem reaparecer (CONDORCET, 2013, p. 195).

A esperança de Condorcet é que o homem não volte a cair na barbárie dos tempos antigos, saiba conduzir-se por meio de sua razão e continue acelerando a marcha dos progressos na história. Para isso, ele deve descartar a religião, esta *arte de enganar*, que monopoliza e distorce o saber com o intuito de tornar os homens estúpidos e submissos, confunde a vida política e promove uma moral hipócrita, na qual a rapinagem e as fogueiras convivem lado a lado com a caridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos parágrafos da introdução da obra em estudo, Condorcet questiona o leitor: “*Estariamos no ponto em que não precisaríamos mais temer nem novos erros nem o retorno dos antigos?*” (CONDORCET, 2013, p. 28). A obra em estudo se situa na *luta filosófica* vivenciada no século XVIII: entre aquilo que representaria as forças do atraso presentes na religião e, em particular, no cristianismo, e as forças representativas defensoras de um progresso civilizatório, por intermédio da supremacia da razão, do avanço da ciência e do aprimoramento das artes. Quais conclusões poderíamos apresentar a partir desse estudo?

Primeira conclusão: as ideias de Condorcet sobre a religião, considerada como um obstáculo ferrenho para os progressos do espírito humano estariam completamente certas. Sob essa ótica, a religião deveria ser descartada para que a humanidade progreda.

Segunda conclusão: as ideias de Condorcet sobre a religião só encontram justificativa no passado, na época das monarquias absolutistas, nas quais o governante determinava a religião dos súditos e padres e lideranças religiosas exerciam o controle sobre a sociedade através do cristianismo. Portanto, não faria sentido ecoarem tais ideias hoje.

Terceira conclusão: as ideias de Condorcet estão completamente erradas. Afinal, o cristianismo, por exemplo, deve orientar todos os domínios da vida pública e ter amplo domínio do poder político, para que tenhamos uma sociedade composta por pessoas de bem.

artes, o avanço civilizatório e a preservação dos costumes e da virtude. Mesmo assim, Condorcet o coloca na categoria de *benfeitores da humanidade*.

Obviamente, todas as três conclusões estão equivocadas. Não é verdade que a religião apenas sabota os progressos do espírito humano, como também não é verdade que a razão e a ciência sejam guias completamente seguros para a humanidade, a despeito de seus progressos para o benefício humano. De um lado, conforme demonstrou a Escola de Frankfurt: os progressos do *Esclarecimento* também trouxeram enormes riscos para a humanidade, após os efeitos bárbaros da I e II guerras mundiais.

A ciência e a técnica trabalharam em favor da desumanização ao colaborarem com governos tirânicos, totalitários, fascistas, nazistas e comunistas. Produziram armas de destruição em massa, favoreceram experiências eugênicas absurdas e bárbaras nesses regimes, facilitaram técnicas em conformidade com o extermínio de minorias. Não menos perigosa é a conexão entre saber, ciência, técnica e dinheiro. Tudo isso, somado, contribuiu e ainda contribui para o sucateamento humano.

Por outro lado, as ideias de Condorcet sobre a religião não foram unanimidade na época. Afinal, autores como Vico, Turgot, Herder, Rousseau e Voltaire, cada um à sua maneira, não descartaram a religião e seus benefícios para a humanidade. Os tempos atuais têm confirmado que a religião também pode trabalhar em favor da humanidade. Quantas lideranças religiosas (Gandhi, Martin Luther King, Madre Teresa, Dom Hélder Câmara) se levantaram contra os abusos dos regimes colonialistas e fascistas, o racismo e a intolerância, em vista de uma maior humanização das sociedades?

Do mesmo modo, não podemos aceitar que as ideias de Condorcet só encontrem justificativa para o seu tempo. Elas nos levam a refletir sobre os efeitos danosos do fanatismo religioso nas principais decisões políticas de um país. O cristianismo, por exemplo, tem sido instrumentalizado como agente motivador da luta política, na perspectiva de táticas para a manutenção do poder por grupos extremistas. Se não são poucos os que, hoje em dia, acreditam que o mundo poderia ser melhor sem a religião, muito mais ainda são os que querem que a religião domine a vida em sociedade, em seus mais variados aspectos: político, moral, artístico, pedagógico.

Concluindo, ao retomarmos as argumentações de Condorcet, não há futuro para a Filosofia junto à Religião. Não há possibilidade de ambas conviverem lado a lado. Contudo, ao dedicar tanto espaço à religião, seria a obra de Condorcet também uma filosofia da religião? Por que tanta dedicação em apresentar justificativas para a defesa de um descarte absoluto da religião na história da humanidade? Isso nos leva a pensar em como a religião chegou historicamente aos olhos dos pensadores modernos, e se isso corresponde àquilo que a religião é para além dos seus determinismos históricos.

O fato é que, para Condorcet, onde quer que a religião apareça, a razão estará ali com suas luzes para iluminar os espaços sombrios que supostamente são preenchidos pela religião. Contudo, uma pergunta mais nos resta: quais luzes iluminarão a razão, a ciência e a técnica, uma vez que elas podem também trabalhar contra os progressos do espírito humano?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINOCHÉ, Bertrand (2019). *As três fontes das filosofias da história (1764-1798)*. Porto Alegre: Zouk.
- CASSIRER, Ernst (1994). *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp.
- CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat (2013). *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. Campinas: Unicamp.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1983). *Várias Obras*. São Paulo: Nova Cultural. (Os Pensadores).
- RIBEIRO, Renato Janine (2002). “A glória” in *Os Sentidos da Paixão*. NOVAES (Coord.). São Paulo: Companhia das Letras, 107-116.
- RUZZA, Antonio (2012). *Em nome das luzes: um desafio à religião*. São Paulo: Anablume.
- SCHLEGEL, Jean-Louis (2009). *A lei de Deus contra a liberdade dos homens*. São Paulo: Martins Fontes.
- SOUZA, Maria das Graças de (2001). *Ilustração e História: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial.
- TODOROV, Tzvetan (2008). *O Espírito das luzes*. São Paulo: Barcarolla.
- VOLTAIRE, François Marie Arouet (2000). *Mélanges*. Paris: Gallimard.
- VOLTAIRE (2000). *Tratado sobre a tolerância*. São Paulo: Martins Fontes.

Otacílio Gomes da Silva Neto. Doutor em Filosofia (UFPE-UEPB-UFRN) e professor do Departamento de Filosofia da UEPB. Membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR).

DOI: 10.26512/2358-82842023e51909

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).